

# EU QUERO VIVER MUITO MAIS: DISCURSOS DE NEGRAS VELHAS SOBRE O ENVELHECIMENTO

*Nilsa Maria Conceição dos Santos<sup>1</sup>*  
*Johannes Doll<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Este artigo é um recorte de uma pesquisa sobre saberes de mulheres negras e velhas, em que são analisados os discursos acerca do envelhecimento, com base no pensamento de Foucault. O artigo privilegia os relatos em torno dos seguintes temas: negação a estereótipos da velhice; racismo e outras discriminações; saúde física, mental e social; momento atual e planos futuros. Os resultados apontam o potencial dessas mulheres, em narrativas que demonstram sabedoria e como a velhice pode ser plena, significativa e desafiadora.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de discurso. Mulheres negras. Envelhecimento.

## I WANT TO LIVE MUCH MORE: SPEECHES OF BLACK AND OLD WOMEN ABOUT AGING

**ABSTRACT:** This text is a part of research on the knowledge of old and black women, in which the discourses about aging are analyzed. The article privileges speeches on the following themes: denial of stereotypes of old age; racism and other discrimination; physical, mental, and social health; present moment and future plans. The results point to

<sup>1</sup> Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: nilsamcs@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3623-3546>.

<sup>2</sup> Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutor em Filosofia pela Universidade Koblenz-Landau, Alemanha. E-mail: johannes.ufrgs@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6699-0460>.

the potential of these women, in narratives that demonstrate wisdom and how old age can be full, significant and challenging.

**KEYWORDS:** Discourse analysis. Black women. Aging.

## **QUIERO VIVIR MUCHO MÁS: DISCURSOS DE MUJERES NEGRAS MAYORES SOBRE EL ENVEJECIMIENTO**

**RESUMEN:** Este artículo es un extracto de una investigación sobre el conocimiento de las mujeres negras mayores, en el que se analizan los discursos sobre el envejecimiento, a partir del pensamiento de Foucault. El artículo privilegia reportajes en torno a los siguientes temas: negación de los estereotipos de vejez; racismo y otras discriminaciones; salud física, mental y social; momento actual y planes futuros. Los resultados apuntan al potencial de estas mujeres, en narrativas que demuestran sabiduría y cómo la vejez puede ser plena, significativa y desafiante.

**PALABRAS CLAVE:** Análisis del discurso. Mujeres negras. Envejecimiento.

### **INTRODUÇÃO**

As mulheres negras (pretas e pardas)<sup>3</sup> representam o maior grupo populacional do país. São mais de 60 milhões de pessoas (MIR, 2023) e a população brasileira é majoritariamente negra (56%; IBGE, 2022). Mas, quando se trata de envelhecimento observa-se que pessoas negras e pardas compõem somente 48% da população idosa no Brasil (IBGE, 2022), ou seja, 8% dessa população não alcança a idade dos 60 anos, por uma série de violações de seus direitos, desde o acesso aos serviços de saúde, genocídio da juventude negra, especialmente homens, em virtude do racismo estrutural e da criminalização da pobreza (GOIZ, 2016). Frente a estes dados, faltam ainda estudos, especialmente sobre mulheres velhas, que trabalhem com recorte racial, sobretudo, negras (SANTOS, 2021; 2019).

---

<sup>3</sup> De acordo com o critério do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A velhice e o imaginário sobre as pessoas velhas são categorias socialmente produzidas e podem variar dependendo do tempo histórico e da sociedade. A construção das representações sobre essa fase da vida é realizada por diferentes discursos presentes na sociedade, entre estes, os discursos científicos, bem como os discursos midiáticos, que possuem especial importância, enquanto a voz das próprias pessoas que vivenciam essa experiência é muitas vezes silenciada, como destacam Simone de Beauvoir (1990) e Ecléa Bosi (1994). Mesmo que nas novas construções da velhice, que Guita Debert (1999) denomina reinvenção da velhice, os discursos desses sujeitos assumem uma certa relevância, existem pessoas nesses grupos que pouco ou nunca são ouvidas. Neste ponto reside a contribuição que se pretende realizar com este texto: contribuir para as epistemologias do envelhecimento, gênero, raça e intersecções, mas, precipuamente dar visibilidade aos discursos de mulheres negras e velhas sobre como elas experimentam essa fase da vida.

O envelhecimento é um processo que se desenvolve continuamente, caracterizado por vantagens e desvantagens, assinaladas por processos biológicos e médicos, criando uma história de vida. É o resultado do relacionamento do indivíduo com seu ambiente físico, em um processo específico de gênero, multidimensional, multidirecional e que mantém aptidão para se acomodar aos novos acontecimentos e restrições (WAHL & HEYL, 2004). Essa fase, para as mulheres negras, pode reforçar assimetrias, como a discriminação etária (são velhas), de gênero (são mulheres) e de raça (são negras).

De fato, na mulher negra idosa juntam-se os preconceitos existentes na sociedade brasileira de racismo, sexismo e idadismo. O racismo na sua forma velada e ao mesmo tempo explícito é analisada por Gonzalez (1983) a partir dos comentários cotidianos e das práticas culturais brasileiras, onde desde suas origens se juntam racismo e sexismo que reserva “naturalmente” para a mulher negra somente determinados papéis como “cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta” (GONZALEZ, 1983, p. 226). A análise de Gonzalez, baseada na psicanálise, aponta para as estruturas de dominação da mulher negra a partir do que ela chama de “neurose cultural brasileira” (p. 224). Com outro enfoque bell hooks

(2018) analisa a situação da mulher negra a partir da história do feminismo mostrando como a luta somente contra o machismo pode perder de vista outras formas de dominação, como o racismo. Na perspectiva de bell hooks, as questões de gênero e raça precisam ser analisados em conjunto, em uma perspectiva interseccional em que diferentes categorias sociais se perpassam criando experiências específicas de discriminação ou privilégio. A situação da mulher negra pode ser analisada também a partir de uma crítica da modernidade capitalista colonial, como faz Lugones (2014). Nesta perspectiva, ela mostra como a imposição colonial do gênero não só perpassa questões de ecologia, economia e governo, mas como toca em práticas cotidianas.

Apesar de um crescente interesse em estudos sobre envelhecimento, gênero e raça, ainda são poucos os estudos que juntam estes três elementos (SILVA *et al.*, 2025). Entre os estudos encontrados no Brasil, uma boa parte aborda as condições difíceis que mulheres negras idosas enfrentam, quando numa perspectiva interseccional (HOOKS, 2018) se juntam racismo, machismo e idadismo, especialmente em questões de saúde (BARBOSA *et al.*, 2024) e de violência (SOUSA & SOUSA, 2024). Mas estão surgindo também estudos que apontam para a força e o protagonismo de mulheres negras idosas (COSTA, 2024) e relacionando a vida da mulher negra idosa à sua cultura africana (SANTOS, 2023).

A escolha dos termos *negra e velha* pode parecer estranho, mas é proposital. O primeiro visa resgatar a positividade da história e da cultura dos povos negros e sua contribuição fundamental na riqueza material e cultural do Brasil. Segundo Schwarcz (1987) no final do século XIX, o termo negro ou preto era usado em situações diferentes: *preto* era reservado aos escravos e alforriados submissos, que se contentavam com a posição subalterna; e *negro* referia-se aos escravos insubmissos e quilombolas, que não aceitavam a soberania branca. Essa insubmissão e luta pela liberdade (PEREIRA, 2010 *apud* BOTELHO, 2019) nasce, no Brasil, com a chegada do negro escravizado.

O termo *velha* corrobora a importância da velhice e é uma opção deste artigo, ciente da dificuldade de encontrar um termo mais adequado para pessoas em idade avançada. Existem formas legais, pessoas com 60

anos e mais são categorizadas como pessoas idosas (Estatuto da Pessoa Idosa, 2003<sup>4</sup>), enquanto Terceira Idade possui sua origem na expressão francesa “Troisième age”, baseado na teoria sociológica do percurso da vida humana em três fases, organizado em contorno do trabalho, uma fase pré-trabalho, uma fase trabalho e uma terceira fase pós-trabalho (KOHLLI, 2007). A busca por termos que não se referem a uma imagem negativa da velhice levou nas diferentes línguas e propostas diferentes, como “*Sénior*” ou “*personas adultas mayores*”, ao mesmo tempo que no cotidiano coexistem diferentes formas de se referir a pessoas idosas (PEIXOTO, 1998). De fato, não existe consenso sobre a determinação por pessoas em idade avançada (DARDENGO & MafraAFRA, 2019). Desta forma, o presente estudo opta por usar o termo *velha*, apesar de esse vocábulo (FERREIRA *et al.*, 2010) carregar associações negativas, estando relacionado a vulnerabilidade, pobreza, condições desfavoráveis vivenciadas pela maioria da população negra no país, ele, também, dentro da perspectiva de valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros está relacionado à ancestralidade em seus diversos aspectos, entre eles, os velhos são considerados ancestrais e devem ter respeitadas e valorizadas suas experiências e memórias (SANTOS, 2021; 2019).

Neste contexto, o presente estudo busca escutar a voz de mulheres negras idosas sobre seu processo de envelhecimento, nas suas condições particulares que, apesar de todas serem mulheres negras idosas, variam bastante. A análise destas vozes é feita em uma perspectiva de análise de discurso baseado em Foucault (2013).

## **ENVELHECIMENTO**

Em virtude do aumento da expectativa de vida os velhos, atualmente, estão em qualquer ato. Debert (1999) propõe uma série de indagações referentes aos efeitos dos discursos dos quais eles se tornaram alvo e aponta que o questionamento não é mais sobre se o discurso é ou

---

<sup>4</sup> Pela Lei n° 14.423, de 2022, as expressões “idoso” e “ídosa” foram substituídos por “pessoa idosa”.

não verdadeiro, mas sobre as ideologias por trás dos discursos e de seus propósitos. A partir dessa constatação, verifica-se o advento de um campo de saber específico para a formação de especialistas em envelhecimento: a gerontologia, que com base em conhecimentos provenientes das ciências sociais, biológicas e psicológicas estuda o processo de envelhecimento.

O envelhecimento é uma fase favorável para novos desafios, conquistas e realização pessoal, sucedendo a concepção de velhice associada ao declínio e possibilitando ganhos, como a concretização de sonhos e o estabelecimento de relações sociais mais ricas (DEBERT, 1999). Todavia, a autora ressalta que uma velhice de qualidade não depende somente do indivíduo, como alguns discursos tentam fazer supor, em um processo que ela denominou “reprivatização da velhice” que tenta transformar o envelhecimento em uma responsabilidade individual, desconsiderando as debilidades, situações de abandono e dependência a que ele pode estar sujeito.

Um dos atributos da cultura pós-moderna (LASCH, 1983) é o horror à velhice. Ao mesmo tempo, essa mesma cultura propicia um cenário histórico em que presenciamos um crescimento das pesquisas sobre essa fase, baseadas na teoria de “ciclo de vida” (ERIKSON, 1998) que engloba as diversas fases: infância, juventude, adulto e velhice. Para Neri (2006), o aumento desses estudos está associado ao paradigma do “desenvolvimento ao longo da vida (*lifespan*)”, elaborado por Baltes (BALTES, 1996 *apud* NERI, 2006), em que o sujeito é convidado a aprender, independentemente de sua idade. Enquanto a psicologia usa o conceito de “ciclo de vida”, focalizando no desenvolvimento do indivíduo durante a vida, o conceito de “curso de vida” traz uma perspectiva mais sociológica, olhando mais para os caminhos que pessoas percorrem geralmente em uma determinada sociedade (DEBERT, 1999; BACKES, 2014).

No Brasil, com base nessa perspectiva, surgiram diferentes programas voltados para os velhos, como universidades da terceira idade, grupos de convivência, entre outros, produzindo uma nova imagem desses sujeitos (DEBERT, 1999). Mas, segundo a autora, tais programas, contudo, não preparam os sujeitos para o enfrentamento da decrepitude das aptidões essenciais à manutenção da autonomia e ao exercício da cidadania, fazendo com que sejam excluídas as experiências de negligência

e sujeição, que são tidas como resultado de escolhas incorretas realizadas pelos velhos.

Os principais discursos sobre envelhecimento (SIQUEIRA *et al.*, 2002) são, primeiramente, o “biológico/comportamentalista”, que enfatiza a senilidade física causada pela degeneração natural do organismo e, aparentemente, seria um discurso neutro. O discurso “economicista”, por sua vez, atenta ao lugar dos velhos no processo produtivo, com foco em análises sobre a cisão com o mercado de trabalho. Nessa abordagem, o envelhecimento é definido pela aposentadoria. Ainda sob o parâmetro da aposentadoria, são citados os programas de preparação para a aposentadoria, que buscam possibilitar formas de os desenvolverem habilidades, desejos e planos, com uma abordagem positiva dessa fase. Na terceira abordagem é destacado o aspecto “sociocultural”, que compreende a velhice como uma construção social. Desse modo, são as sociedades e as culturas que estabelecem as finalidades e os encargos de cada faixa etária no mundo do trabalho e da vida familiar. A quarta perspectiva detém-se no enfoque “transdisciplinar” do processo de envelhecimento, apresentando-o como um fenômeno natural, social e que ocorre de maneira particular, singularizando o processo de envelhecimento de cada indivíduo que se depara com dificuldades e restrições de ordem biológica, econômica e sociocultural.

## **DISCURSOS DE MULHERES NEGRAS E VELHAS**

Para a realização das análises (GREGOLIN, 2008), pode-se pensar em uma teoria do discurso, que o considera uma prática, que se origina da formação de saberes e se articula com outras práticas não discursivas. É um jogo estratégico e polêmico, por intermédio do qual são estabelecidos os saberes de um momento histórico. É, também, o lugar em que saber e poder se associam: quem fala o faz a partir de algum lugar, baseado em um direito reconhecido institucionalmente, como no Art. 13 Liberdade de Pensamento e de Expressão, da Convenção Americana sobre os Direitos Humanos (ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS, 1969). E, por último, sua produção é controlada, selecionada, organizada e

redistribuída por procedimentos que visam a determinar aquilo que pode ser dito em certo momento histórico.

O primeiro procedimento que destacamos é a “vontade da verdade”, a qual, conforme Foucault (2013, p. 11), “desloca-se ao longo da história, definindo as formas, domínios dos objetos e técnicas de apoio que irão conferir aos discursos o status de verdade por determinados períodos”. Tanto no período de escravização dos negros no Brasil, quanto na pós-abolição, doutrinas eugenistas, biológicas e genéticas sustentaram as práticas racistas das políticas de Estado (MAIO, 2004; SOUZA, 2012; CARVALHO & SOUZA, 2017). Após o fim oficial da escravização, deu-se início à política de atração de europeus, com o intuito de embranquecer a população brasileira (SCHWARCZ, 2001), pois, de acordo com essas suposições, isso era um requisito indispensável ao desenvolvimento nacional, que se daria pela imigração de europeus ou pelas práticas educacionais e sanitárias, que visavam a eliminar marcas culturais de origem africana do cotidiano da população.

Desse modo, teorias desenvolvidas no decorrer dos séculos XIX e XX (POPPER, 2004; GOULD, 1991 *apud* SILVA, 2017) sustentaram o racismo, fundamentando a escravização de pessoas negras, por apresentarem um sistema de civilização diferente do europeu, que se autodefinia como superior. Desde a infância, as pessoas negras são sujeitadas a discursos que as segregam a papéis de submissão e baixa autoestima, com base nas teorias mencionadas, que foram utilizadas para justificar e racionalizar hierarquias sociais (GUIMARÃES, 1999). Essas ideias, reconhecidas como verdadeiras pelas instituições da época da escravização dos negros (Sociedade, Igreja e Estado), produziram discursos como “os negros eram escravizados ou mantidos em situação de ‘ralé’ porque sua ‘raça’ seria, intelectual e moralmente, incapacitada para a civilização” (GUIMARÃES, 1999, p. 32). Como efeito, instalou-se no Brasil a branquitude como norma inquestionável (CARONE & BENTO, 2002; SILVA, 2007a), que ainda persiste.

No decorrer deste artigo, em diversos enunciados será observado o deslocamento da “vontade da verdade”, ou seja, dos “enunciados que serão considerados verdadeiros” (FOUCAULT, 2013 p. 23). Registram-se

aqui dois deslocamentos importantes: a crença de que vivemos em uma *democracia racial* (SILVA, 2007a), falácia já denunciada pelo Movimento Negro, pelo Movimento de Mulheres Negras e por diversos estudos (SOUZA, 2017; GUIMARÃES, 1999), que demonstram o quanto o racismo e a discriminação racial impedem a mobilidade social dos negros; a branquitude como norma inquestionável (CARONE & BENTO, 2002), ou seja, o reconhecimento de que a brancura como padrão estético privilegiado impõe aos negros violências simbólicas e reais (insultos e agressão).

O segundo procedimento é designado “autor, não entendido [...] como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto” (FOUCAULT, 2013, p. 28), mas como falas coletivas, modos de ser, nos quais os indivíduos se inscrevem. Assim, nosso discurso é produto de um contexto e de um interdiscurso<sup>5</sup>, pautado pelos dizeres e saberes que circularam e circulam antes das nossas palavras. Com esse procedimento, verifica-se que as mulheres entrevistadas se inscrevem e manifestam declarações que ora estão inseridas em interdiscursos racistas, ora em interdiscursos que lutam contra o racismo. O mesmo ocorre em relação à velhice. Os discursos são disputas de poder; concorrem entre si; vencem e são vencidos. Eles acontecem dentro do tecido social, nas instituições de ensino (escolas e universidades), nos lares, na mídia, nas conversas diárias, nas empresas (FERREIRA & TRAVERSINI, 2013).

No entanto, ainda conforme Foucault (2013, p. 11), pode ocorrer, em contrapartida, uma atribuição mágica, advinda de estranhos poderes, que revelaria verdades escondidas, ou anunciaria o futuro, sendo aceita por alguns, mas não pela sociedade como um todo. Por exemplo, as religiões afro-brasileiras<sup>6</sup>, com destaque para o candomblé<sup>7</sup> e suas variações locais encontradas em todo o país (PRANDI, 2001; 2004), são consideradas,

<sup>5</sup> Interdiscurso são as possibilidades a que o falante ou aquele que escreve pode se filiar para enunciar.

<sup>6</sup> As religiões afro-brasileiras são aquelas originadas na cultura de diversos povos africanos trazidos como escravos ao Brasil entre os séculos XVI e XIX.

<sup>7</sup> O candomblé é a religião dos orixás formada na Bahia, no século XIX, a partir de tradições de povos iorubás, ou nagôs, com influências de costumes trazidos por grupos fons, aqui denominados jejes, e residualmente por grupos africanos minoritários.

segundo Birman (1985), religiões de caráter mágico que ainda não são aceitas pela sociedade como um todo (HUBERT, 2011; ORO & BEM, 2008), sofrendo sujeições e intolerâncias (SILVA, 2007b; ROZA, 2017).

O terceiro procedimento é o de “exclusão” e abrange rejeição e separação, interdição e palavra proibida. No que diz respeito à rejeição e à separação, “os discursos não podem circular como os considerados dominantes. Pode ocorrer que suas palavras sejam consideradas nulas, não acolhidas, não tendo verdade nem importância, sendo rejeitadas tão logo proferidas” (FOUCAULT, 2013, p. 11). É o que ocorre com as falas de mulheres negras e velhas em nossa sociedade, que pouco valoriza o discurso feminino, bem como a herança cultural negra, além de não respeitar a velhice.

Os procedimentos da ordem do tabu linguístico – “palavra proibida e interdição” –, funcionam como mecanismos de controle externo à linguagem. É o meio social que irá determinar quem, e em qual momento, poderá utilizar a palavra. “Sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2013, p. 11). Assim se dá com os argumentos que transformam o envelhecimento em uma responsabilidade individual (DEBERT, 1999) e fazem com que os discursos referentes aos episódios de descaso com os velhos sejam interditados ou suspensos.

Partindo dessas considerações, apresentamos o procedimento “ritual”, que “define a qualificação que devem possuir os indivíduos, para em um diálogo ocupar determinadas posições e elaborar certos tipos de afirmações” (FOUCAULT, 2013, p. 37). Mulheres negras, para se fazerem ouvidas, precisavam passar por um ritual que as qualificasse para terem seus discursos considerados, como veremos mais adiante no sonho de Vera, de tornar-se “professora preta, exibidinha”, o que a credenciaria a participar da elaboração de enunciados tidos como verdadeiros, como os discursos dos professores; além de ingressar no mundo do trabalho na única profissão, da época, que contava com o aval dos discursos sexistas (VILLELA, 2010).

Por último, o procedimento “sociedade do discurso”, “cuja função é a conservação ou produção de discursos para circular em um espaço fechado, distribuindo-os segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição” (FOUCAULT, 2013, p. 38-39). Esse procedimento se efetiva nos discursos da ancestralidade negra, a qual circulou saberes que permitiram a resistência da população negra aos “efeitos de poder centralizadores que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico, organizado no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 2008, p. 171), como os discursos que sustentaram teorias racistas que apregoavam a inferioridade intelectual das pessoas negras e desqualificavam os saberes e culturas africanas e afro-brasileiras.

Ao reaparecimento de saberes específicos, Foucault (2008) denominou “insurreição de saberes dominados”. Desse modo, sendo o discurso uma prática que se origina da formação dos saberes e constituindo-se no lugar em que saber e poder se entrelaçam, verificou-se que a sociedade negra do discurso proporcionou um rico legado de conhecimentos africanos, bem como de outros construídos na diáspora. Esses saberes reaparecem em diversos estudos<sup>8</sup> que apontam a rica cultura e os conhecimentos, inclusive acadêmicos<sup>9</sup>, que os africanos possuíam (SILVA, 2007a, p. 493), antes da invasão europeia, bem como o reconhecimento do continente africano como berço da civilização e seus povos como detentores de tecnologias avançadas. Essas informações, obviamente, tentaram silenciar e sepultar, em razão do racismo, que presume uma inferioridade intelectual dos negros e que esses saberes refutam (NOGUEIRA *apud* BELLO, 2017).

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo qualitativo (MINAYO & SANCHES, 1993) possibilitando a compreensão de situações complexas, como crenças

---

<sup>8</sup> Coleção História Geral da África da UNESCO, 2010, volumes I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII.

<sup>9</sup> A universidade *Al-Qarawiyin* é considerada pela UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura como a mais antiga do mundo, tendo sido fundada em 859 d.C, em Fez, no Marrocos e a Universidade de *SanKore* é a mais antiga dos três centros de ensino de *Timbuktu*, no Mali, África Ocidental, estabelecida no século XII.

e atitudes. Para a produção dos dados realizou-se entrevistas narrativas (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002) que se coadunam com os modos de transferência e manutenção do saber em culturas orais como as de origem africana no Brasil. A seleção das entrevistadas foi por meio das relações sociais da pesquisadora, buscando uma heterogeneidade de experiências em relação à escolaridade, inserção no mundo do trabalho e estado conjugal. As perguntas da entrevista semiestruturada foram abertas, seguindo um roteiro que as estimulasse a falarem sobre o momento atual, socialmente denominado velhice.

Para a análise das narrativas utilizou-se o pensamento de Foucault e a noção de discurso, que para esse autor, possui um caráter temporário, marcado pelo jogo de relações sociais, em uma determinada época. Desse modo, não há verdades absolutas, tampouco uma verdade a ser descoberta: “O que existe são discursos que a sociedade aceita, autoriza e faz circular como verdadeiros” (FOUCAULT, 2000, p. 23). Ou seja, os discursos possuem objetivos, eles vêm carregados de valores, buscando produzir determinados efeitos nas relações e disputas de poder na sociedade. Para a ocorrência de um discurso, é necessário que existam condições favoráveis para o aparecimento de um enunciado.

Diante disso, a investigação *sobre discursos de mulheres negras e velhas acerca do envelhecimento* surge a partir das discussões sobre gênero; das discussões sobre raça na visão do movimento negro<sup>10</sup>; do feminismo negro, que reconhece o racismo e a opressão que a brancura como padrão estético privilegiado e hegemônico exerce sobre as mulheres não brancas; e, do fenômeno do envelhecimento. Essas circunstâncias são o que Foucault denominou solo positivo:

análise da possibilidade da ordem, da positividade histórica,  
a partir da qual um saber pode se constituir, a partir do qual  
teorias e conhecimentos, reflexões e ideias são possíveis. E é

---

<sup>10</sup> O termo *raça*, neste texto, é empregado conforme o entendimento do movimento negro, como um resgate positivo da trajetória histórica e cultural de seus ancestrais, em prol de mudanças de padrões estéticos e simbólicos, favorecendo sua ação coletiva em defesa da integridade física, legal e territorial e da adoção de medidas de promoção da qualidade de vida da população negra.

nesse espaço de ordem que o saber se constitui. [...] Daí uma história que não é da verdade cada vez mais próxima do real, [...] mas a história das condições de possibilidade e de uso de verdade, de saber, que Foucault chama de solo positivo (ARAÚJO, 2006-2007, p. 5).

As participantes do estudo são: Carmen, Marisa, Norma, Petronilha, Vera e Wilma. Elas estão na faixa dos 72-86 anos de idade (dados de 2015), autodeclararam-se negras (pretas e pardas)<sup>11</sup>, e dispensaram a utilização de pseudônimos, conforme termos de autorização e consentimento. Apresentam-se abaixo, resumidamente, suas qualificações e na sequência seus discursos sobre envelhecimento.

**QUADRO 1:** Qualificações das participantes do estudo

Nome	Idade	Filhos	Estado civil	Escolaridade	Profissão
Carmen	86	0	Solteira	Segundo grau	Aposentada (agente administrativo, servidora pública municipal)
Marisa	76	1	Divorciada	Segundo grau	Aposentada RGPS (atendente de nutrição)
Norma	78	1	Solteira	Segundo grau	Aposentada RGPS (agente administrativo)
Petronilha	73	0	Solteira	Pós-doutorado	Aposentada (professora universitária federal)
Vera	72	3	Viúva	Segundo grau	Pensionista (do lar)
Wilma	81	3	Viúva	Quarto ano primário	Pensionista (do lar)

\* Regime Geral de Previdência Social (RGPS), do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS)  
- Fonte: a autora.

## EU NÃO SOU VELHA

No enunciado “Eu não sou velha”, manifesta-se o quanto elas contestam os estereótipos associados à velhice. Seus discursos rejeitam os aspectos pejorativos de como os velhos são vistos e tratados no Brasil, em que pesem algumas mudanças que já se podem verificar, tanto na

<sup>11</sup> De acordo com o critério do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

mídia como em estudos (SANTOS, 2016; DEBERT, 2013). Ao mesmo tempo, algumas se associam aos discursos que atestam a existência de uma vivência da velhice conforme apontam os estereótipos, e que as pessoas velhas que correspondem a esses clichês não são elas – os velhos são os outros (BEAUVOIR, 1990), e isso corrobora com a experiência das entrevistadas, que expressam esta ideia da seguinte forma:

A pessoa velha é uma pessoa que já sofreu bastante. Aí o organismo dela começa a retroceder, o organismo vai diminuindo, as forças, os tecidos vão ficando tudo judiado, torcidos, que nem maracujá de gaveta [risos] [...] tu olha pra criatura, dá pena de ver. Aí elas ficam toda assim [...] encolhidinha. [...] vou pra frente do espelho e digo: eu não tô velha. Eu não sou velha não. Que história é essa? Olha a velha [...] eu não quero ser velha! Eu não quero ser esse tipo de gente assim. Não. Eu não sou isso. [...] olhei pros meus braços [...] Os braços tudo franzido! Não, quando eu saio, eu ergo bem a minha cabeça [...]. Digo assim Meu Deus, as criaturas que lutaram uma vida inteira quando jovens, agora no fim da vida, tão viradas num trapo. Não vou andar como pobre, coitadinha, cheia de meia grossa no pé, cheia de pano na cabeça [risos]. Não! Nada disso! [risos] (MARISA, 2015).

E muitos daqueles [colegas de trabalho] já faleceram e agora outros colegas [...] quando me enxergam na rua me cumprimentam, ficam olhando, porque eu subi. Eles estacionaram e estão... parecem uns velhinhos (CARMEN, 2015).

Na narrativa de Marisa, observa-se a rejeição à decrepitude física, provocada pelo envelhecimento biológico natural do corpo, e o entendimento desse processo, que é detalhado de maneira lúdica. Sobre essa imagem da velhice, Beauvoir (1990, p. 12) aponta que “diante da imagem que os velhos nos propõem de nosso futuro, permanecemos incrédulos; uma voz dentro de nós murmura [...] a velhice é uma coisa que só concerne aos outros”. Além de rejeitar e negar a decadência do corpo, o enunciado da Carmen está associado às representações positivas

dessa fase da vida, de indivíduos que, por exemplo, participam de grupos de convivência, realizam atividade física. Desse modo, os velhos que não se envolvem em nenhuma ação, que não participam de nada do que está determinado como necessário para um envelhecimento bem-sucedido, são os que “não subiram”. Destaca-se que os discursos que preconizam uma velhice ativa e têm por efeito a reprivatização da velhice (DEBERT, 1999) não consideram as debilidades cognitivas, físicas, emocionais, a falta de recursos educacionais, financeiros e situações de negligência a que velhos podem estar submetidos, pois o envelhecimento pode acentuar assimetrias de raça, classe, entre outras.

## **RACISMO E OUTRAS DISCRIMINAÇÕES**

As possibilidades de constituição do ser humano dependem tanto do seu desenvolvimento biológico quanto da qualidade das trocas nas relações que estabelece com o outro e com o meio social em que se insere, afetando o desenvolvimento do seu potencial (CHARLOT, 2000). Um desses contextos é o de desumanização, no qual o indivíduo é privado de ser. Diante disso, o gênero, a raça e a classe social são dimensões que interferem na construção como sujeito social.

As pessoas possuem agenciamentos (GIDDENS, 1984) que permitem a organização e o planejamento de práticas sociais e maneiras de enfrentamento das diferentes situações no decorrer da vida, possibilitando uma transformação, ainda que restrita, a saberes, incertezas e outras limitações. Esses agenciamentos se fizeram presentes nos percursos de vida dessas mulheres, conforme relatos:

como eu era a mãe negra, achei aquilo pra mim, parecia uma humilhação [...]. A mãe negra elas [as professoras] falavam que eu tinha que citar que a mãe preta, foi talvez a mais infeliz das três. Era o que a gente tinha na época pra citar, cada um vinha e falava seu pedaço sobre as mães [apresentação na escola pelo Dia das Mães]. Eu não sei, aquilo entrou na minha cabeça e ficou, [...] Isso aí eu não me esqueço, eu estava no terceiro ano primário [...] e eu não

sei, sempre me achei, assim, inferior, achei que, como eu sou negra, parece que as pessoas não recebem a gente bem. Eu sempre fui assim, complexada (MARISA, 2015).

Até quando têm as recepções, as festas, as coisas assim, eu não me misturo. Eu fico bem distante, não gosto de estar junto. É muito difícil [...] se for para trabalhar, tudo bem, agora se for para ficar sentada, não, nem me convida, porque eu não fico. Não consigo ficar. Eu gosto de estar sempre trabalhando como escrava, eu é que faço a minha vida de escrava, não é que seja, quem faz a vida de escrava sou eu (MARISA, 2015).

E lá nessa dentista, eu a acho muito bacana, que ela vem e beija todo mundo. Eu tava prestando atenção nos outros, todos recebem o mesmo tratamento. [...] é um lugar legal, que a gente é bem recepcionada, porque exijo, ainda. [...] porque eu sou negra, mas eu gosto de ser bem tratada, porque a gente sendo bem tratada, a gente não sente. Não sente a diferença (MARISA, 2015).

Agora, onde é negra, chegou, tá com aquelas caras, às vezes a gente vai no ônibus, vem uma branca toda emperiquitada, a gente, eu sempre peço licença [...] e a mulher puxa o casaco bem ligeiro para um lado e procura se arredar, se tem outro lugar dentro do ônibus eu saio dali. [...]. Por que tem nojo da gente ou medo? [...] Ou senão, tá com a bolsa e pega aquela bolsa e segura bem a bolsa. [...] O que essa pessoa está pensando: porque a gente é negra, é qualquer coisa? Eu não sou qualquer coisa! (MARISA, 2015).

Era normal, não tinha rivalidade nenhuma, nem pela parte de eu ser [...] a única negra na sala de aula, [...]. Até perdi uma viagem porque imaginei: a única negra e vá que vão querer entrar em algum lugar e vão ser barrados [risos], mas não tinha, tu achas que eles iam fazer uma excursão sem saber qual o risco que eles iam correr, mas a minha cabeça tava a mil. Aí, na última hora, depois de estar com tudo

pronto, tudo arrumadinho, eu disse não. Ficar em casa. [...] era pra Brasília. [...] Sou uma mulher viajada que não viajou [risos]. [...] Era a viagem de formatura (VERA, 2015).

O acesso da população negra à escola ora foi incentivado pelo Estado, com o objetivo de suscitar as representações negativas de si, ora foi dificultado ou impedido, sendo esta população utilizada pela burguesia, majoritariamente branca, como modo de distinção e manutenção das hierarquias sociais, nitidamente raciais (ALMEIDA & SANCHEZ, 2016). O discurso racista, validado pela escola, definia o lugar das pessoas negras. Nas narrativas constatam-se os efeitos da naturalização do racismo: é na clínica com a dentista, no transporte coletivo, em viagens, festas e recepções. O sentimento de estar fora de lugar, quando não se está em subalternidade, enuncia um posicionamento hierárquico social que pode ser compreendido a partir das representações contidas no interior da escola, que estruturaram e produziram espaços privilegiados para diferentes grupos sociais (MARQUES, 2007).

Ainda sobre espaços privilegiados, indaga-se: quem pode ter nojo ou medo de uma mulher negra? A resposta íntegra a mesma formação discursiva, de ideologias racistas, sustentada por teorias que, por muito tempo, perduraram como verdadeiras e que construíram as condições para que uma mulher branca se sinta autorizada a sentar no ônibus, ter asco e temor de uma mulher negra que, porventura, sente ao seu lado. Essa prática, como outras, registradas em boletins de ocorrências policiais e suficientemente veiculadas na mídia, em que sujeitos negros famosos e anônimos, ricos e pobres (homens, mulheres, jovens, adolescentes e crianças) são perseguidos ou sofrem injúrias raciais em supermercados, *shoppings*, redes sociais; jogadores chamados de *macacos* em estádios de futebol, confundidos com bandidos, quando, por exemplo, dirigem seus carros de luxo ou tentam entrar em suas residências, localizadas em áreas nobres; a truculência policial contra indivíduos negros; e a discriminação no mercado de trabalho para obtenção, manutenção e ascensão no emprego (PRONI & GOMES, 2015), tendo que provar a todo instante sua competência (BENTO, 1995). Todos estes exemplos reforçam a tese

de Sueli Carneiro (2024) de que o dispositivo de racialidade restringe e limita o campo de ação das pessoas negras.

A educação é a ferramenta pela qual qualquer indivíduo pode ter acesso a todo tipo de discurso, mas a distribuição do acesso é determinada por políticas assinaladas por divergências e conflitos sociais que permitem e impedem esse acesso (FOUCAULT, 2013), conforme veremos no relato da Petronilha, pertencente a uma família negra de classe média:

recebi a bolsa do governo francês para estudar Literatura na França [...] em Nice. [...] Fui coordenadora pedagógica por bastante tempo em uma escola particular [...] e em uma escola pública. [...] me inscrevi no Instituto de Planejamento em Educação Paris e fui selecionada [...]. Fiz o estágio nesse Instituto. [...] eu era a única brasileira, na ocasião. [...] quando eu fui, nós estávamos justamente trabalhando, fazendo o diagnóstico, escrevendo o Segundo Plano Estadual da Educação [...] e estavam me esperando para escrever. A responsabilidade da redação ficou comigo. Voltei fiz isso e defendi o Mestrado. [...] Quando acabou tudo, eu fui chamada pela presidente para ser do Conselho de Educação do Estado [...] Trabalhei 12 anos na universidade privada. Depois eu [...] fui para a universidade pública, até me aposentar, em 2012 (PETRONILHA, 2015).

Eu cheguei até aonde que o nível que, naquela época, de acordo com a estrutura que tinha o Brasil era assim, porque o negro sempre tinha que ser meio capacho, e a gente sabia, então, foi indo assim (CARMEN, 2015).

O trecho de Carmen, acima, nos leva a considerar que os pensamentos dos negros não podiam – e em muitos casos ainda não podem – circular, como os dos brancos. Suas palavras ainda não têm a mesma importância. Mas esses discursos silenciados e desvalorizados circulavam na *sociedade negra do discurso*. Essa sociedade pode propiciar às *negras velhas* saberes, competentes, que lhes permitiram enfrentar a tentativa de dominação e subjugação. Elas sabiam e compreendiam as circunstâncias de sua

condição na sociedade e as estratégias que podiam utilizar para atingir seus objetivos, como demonstram os relatos:

Olha, se eu voltasse atrás pra fazer alguma coisa diferente é procurar aprender mais ainda (CARMEN, 2015).

Depois eu já achava que os livros iam sair caro eu mesma [...] desisti. No quarto ano desisti [...] agora vem a seleta<sup>12</sup>, isso vai ser muito caro. [...] Aí ali eu já encerrei por minha conta [risos]. [...] Se eu não [...] vou tirar curso de professora, [...]. Achei que já não precisava [...] Parar para arrumar serviço (WILMA, 2015).

Essa do colégio já é uma frustração. Depois que passa o tempo eu fico pensando, quem sabe se eu me formasse. Imagina que poderia ser uma coisa diferente. [...] Eu ia casar, mas não casei naquele ano. Poderia esperar dois, três anos mais, e ter estudado e me formado. [...] mas se eu me formasse, ele não ia querer que eu lecionasse, já ia ficar frustrada [...] foi contra sempre eu trabalhar fora [...] Queria ser professorinha preta, exibidinha. Esse era o meu sonho. [...]. Era o que eu dizia: ‘professorinha, preta, exibidinha’. E não fui. Sabe lá se preta exibidinha eu não fui? [gargalhadas] (VERA, 2015).

A educação era vigiada por meio da sua distribuição, em quem teria ou não acesso (FOUCAULT, 2013). A educação era notoriamente destinada às pessoas que tivessem condições de investir em aulas e livros, para preparar candidatas ao exame de admissão ao ginásio, extinto pela Lei de Diretrizes Básicas – Lei nº 5.692/1971 (BRASIL, 1971). Esse exame funcionou como um procedimento de exclusão, fazendo que a maioria dos que ingressavam no ginásio fosse branca. Além de não ter participado da viagem de formatura por receio das situações de racismo, Vera também

---

<sup>12</sup> Curso preparatório para o exame de admissão ao ginásio, extinto pela Lei e Diretrizes Básicas – LDB 5.692/1971.

não realizou o sonho de tornar-se professora, persuadida pelo discurso sexista de seu futuro marido, que não lhe permitia trabalhar fora.

Os discursos racistas e sexistas permearam e ainda permeiam as relações de poder. Como “onde há poder, há resistência” (FOUCAULT, 2008, p. 42), surgem os enunciados feministas e do feminismo negro, pela emancipação das mulheres e por pautas específicas das mulheres negras, que se concretizam na atualidade em diversas manifestações. Um exemplo foi a Marcha das Mulheres Negras, que em 2015 convocou a força ancestral, a liberdade de pensamento e a ação política das mulheres negras para assegurar, em todas as etapas da vida, o direito de viverem livres de discriminações, preconceitos e opressões.

As narrativas revelam as diferentes condições materiais e simbólicas que implicam o destino dos grupos sociais. Uma situação de pertencimento a uma classe social com mais acesso aos bens materiais e culturais permitiu a uma mulher negra tornar-se professora universitária, apesar do racismo e do sexismo. Já outras cinco mulheres não puderam ou se sentiram constrangidas, em virtude das discriminações, a realizar os investimentos em educação. Suas famílias não detinham o capital material, cultural ou simbólico que apontasse e apoiasse essas possibilidades. Isso limitou a inserção dessas mulheres no mundo do trabalho, em atividades de pouca ou nenhuma qualificação, desenhando um aspecto elementar da desigualdade que persiste até hoje para as mulheres negras.

O valor da educação é um enunciado disputado que sofreu um *deslocamento de verdade* a partir da reforma mencionada, que possibilitou às crianças, das classes empobrecidas, continuarem seus estudos nas escolas públicas, apesar de essas instituições não estarem preparadas para receber alunos das classes populares. Até hoje, trava-se uma luta para que essa diversidade de discentes possa ser reconhecida, respeitada e apropriadamente acolhida (SILVA, 1993).

Essas disputas acontecem ao longo da história, com diferentes agentes entrando e saindo de cena, até que surgissem condições para que se estabelecessem práticas libertadoras, das possibilidades de ser, agir e pensar de outras maneiras. Decorrem desse embate as leis nº 10.639/2003

e a 11.645/2008<sup>13</sup>. Com esses dispositivos legais, entram no currículo escolar as visões de mundo afro-brasileira, africanas e indígenas, para serem conhecidas, estudadas e valorizadas, ao lado das visões europeias e asiáticas (SILVA *et al.*, 2018).

## **SAÚDE FÍSICA, MENTAL E SOCIAL**

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 1946) aponta que, para uma pessoa ser saudável, não basta a ausência de doenças, mas é necessário o bem-estar físico, mental e social, que está relacionado à qualidade de vida das pessoas. A atual Constituição Brasileira (BRASIL, 1988) garante a todos os cidadãos o direito à saúde, às condições dignas de atendimento e o acesso aos serviços. Mas, os preconceitos sociais, raciais, de gênero e idade prejudicam o acesso à saúde e à proteção, como o racismo em relação à população negra, a aporofobia<sup>14</sup> contra pessoas em condições de pobreza (SOARES, 2018) e o etarismo ou idadismo<sup>15</sup> em relação às pessoas velhas.

O racismo atinge a saúde mental das pessoas, em razão dos estereótipos e discriminações que afetam identidade e autoimagem, comprometendo relações sociais e vínculos afetivos em todas as suas dimensões (PRESTES & PAIVA, 2016). As mulheres negras, segundo esses autores, são as mais indefesas: vítimas do racismo e do sexismo, e também do etarismo, como demonstra a fala de Marisa:

e esse médico de hoje também eu gostei dele [...] Não é aquela pessoa assim que tenha nojo, chegou uma velha, chegou uma negra, chega pra lá, não [...] tratamento exclusivo, porque eu sou negra, mas eu gosto de ser bem

---

<sup>13</sup> Essas leis introduziram, respectivamente, a obrigatoriedade do ensino de história e cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena.

<sup>14</sup> Designando rejeição ou ódio a quem é pobre, aporofobia é um termo cunhado pela filósofa espanhola Adela Cortina.

<sup>15</sup> Discriminação etária, discriminação geracional, etarismo, idadismo ou ainda etarismo são termos que designam um tipo de discriminação contra indivíduos ou grupos etários com base em estereótipos associados à idade. O termo foi cunhado por Robert Butler em 1969 (BUTLER, 1969) e ganhou nova atenção durante a pandemia (MARCONI & DEDICAÇÃO, 2023).

tratada, porque a gente sendo negra, sendo bem tratada, a gente não sente. Não sente a diferença (MARISA, 2015).

A pandemia da Covid-19 aumentou a invisibilidade de velhos, negros e pobres (CONECTAS DIREITOS HUMANOS; CENTRO DE PESQUISAS E ESTUDOS DE DIREITO SANITÁRIO – CEPEDISA, 2021). A qualidade de vida desses grupos também é impactada pela pouca disponibilidade de serviços de promoção da saúde mental e de prevenção de agravos decorrentes de transtornos mentais (SANTOS *et al.*, 2017), maiores entre a população negra. A depressão é um transtorno mental, caracterizado por tristeza, perda de interesse, ausência de prazer, oscilações entre sentimentos de culpa e baixa autoestima, além de distúrbios do sono ou do apetite. Também há a sensação de cansaço e falta de concentração. Ela pode ser de longa duração ou recorrente. Na sua forma mais grave, pode levar ao suicídio. Abaixo, Norma e Marisa referem como lidam com essa doença:

às vezes a pessoa entra em depressão. Eu fico pensando, depressão deve ser quando a pessoa [...] não consegue uma coisa, fica martelando somente aquilo [...] eu, às vezes, falo assim: depressão não vai me pegar. Procuvo evitar (NORMA, 2015).

Agora tem pessoas que envelhecem bem antes do tempo. Tem pessoas que se jogam, decepcionam, têm depressão. Depressão envelhece muito a pessoa também. O que é a depressão? Depressão é a pessoa ficar sentada num canto. Por exemplo, às vezes a depressão quer dar em mim, eu já digo, pode sair do meu caminho, não quero saber de depressão. O que é? É aquilo, tu queres uma coisa, fica angustiada, tem uma dificuldade, quer alguma coisa e tu não tens alguém pra te falar: não, mas vamos lá tu vai resolver, tu vai conseguir, tu vai abrir o caminho, não. Aí vem aquilo, tu ficas parada no tempo. Aí tu para ali, tu vai parando, quando vê é a maldita depressão. Tudo isso aí a gente tem que evitar. Tem que evitar (MARISA, 2015).

A palavra “evitar”, medida contra a depressão indicada por Marisa e Norma, pode ser interpretada como um silenciar, um calar, no entendimento de que os ditos e escritos se expressam por meio de enunciados falados ou escritos, e o que não é dito nem escrito é rejeitado. Ou seja, não está na ordem dos discursos dessas mulheres a permissão para “ter depressão”. Pode-se questionar o quanto dessa atitude está associado aos discursos atuais sobre envelhecimento saudável, ou o quanto ainda é um resquício do passado histórico da mulher negra. A depressão é como uma *palavra proibida*, e o meio social é que determina quem e quando se pode usá-la. Assim, dado o contexto, a saúde dessa mulher não estava na agenda das políticas públicas, e muito menos a saúde mental, haja vista que muito recentemente iniciaram-se as políticas de promoção da saúde da mulher negra e o combate ao racismo nos atendimentos públicos de saúde<sup>16</sup>. Somente alguns anos antes surgiram políticas de promoção da saúde dos velhos<sup>17</sup>, ainda cercada por muitos preconceitos e estereótipos. Este posicionamento em relação à saúde chama a atenção, tendo em vista que estudos atuais apontam para um risco aumentado de doenças mentais para mulheres negras (SOARES et al., 2024). No caso das mulheres aqui entrevistadas pode ser, que as condições socioeconômicas exercem uma certa proteção, mesmo assim chama a atenção o silêncio a respeito de doenças mentais.

Outro aspecto que impacta muito a saúde dessa parcela da população são os investimentos em planos privados de saúde, que implicam um comprometimento considerável da renda. Quanto mais se avança na idade, maior é a probabilidade de uso dos serviços; conseqüentemente, maior o valor das mensalidades, o que se torna um fator de angústia e ansiedade, conforme relata Norma (2015): “Quero, assim, que não falte nada, principalmente [...] o dinheiro para pagar meu plano de saúde, que isso aí é o mais importante”.

---

<sup>16</sup> Política Nacional de Saúde Integrada da População Negra (2009).

<sup>17</sup> Pacto pela Vida (2006) que visa à implementação da Política Nacional de Atenção à Saúde do Idoso (1999); Redes Estaduais de Assistência à Saúde do Idoso (2002) e o Estatuto da Pessoa Idosa (2003).

Petronilha, Carmen, Vera e Wilma são aposentadas ou pensionistas do serviço público, que disponibiliza previdência e planos de saúde próprios, sem que isso onere demais os proventos. Marisa e Norma são aposentadas pelo INSS e realizam tratamento para o diabetes. Marisa utiliza os serviços do Sistema Único de Saúde (SUS) e não manifestou descontentamento com esses serviços, o que nos leva a supor que ela se encontra no grupo de pessoas que têm suas demandas atendidas pelo SUS, como aliás a maioria dos usuários (CANTALINO *et al.*, 2021), contrariando um discurso corrente sobre a insatisfação dos usuários. Destacamos que, além do diabetes apresentado por Marisa e Norma, nenhuma outra participante manifestou sofrer de alguma doença crônica. São mulheres saudáveis (ROWE & KAHN, 1998), que apresentam baixo risco de doenças e incapacidades funcionais, mentais e físicas, e ainda possuem envolvimento ativo com a vida, o que contribui para a saúde emocional, conforme atestam suas falas:

eu, graças a Deus, assim como eu tô muito bem, eu não sou doente, vou ao médico uma vez por ano, faço todos os check-ups e continuo as minhas viagens (CARMEN, 2015).

Muita gente diz não quero chegar aos 60, mas eu cheguei aos 60 bem de saúde, alegre (NORMA, 2015).

Eu me sinto ótima [...] Com a graça de Deus, estou com saúde, com 73 anos [...] Eu acho que, como eu mamei no peito até muito tarde, dizem que a gente se fortifica (PETRONILHA, 2015).

Eu acho que, graças a Deus, acho que eu tô bem (WILMA, 2015).

Às vezes a gente se sente até frustrada porque poderia ter feito mais alguma coisa, se realizado mais que atualmente a gente está [...] A gente vê tanta coisa aí. Acha que se botar um grãozinho ali aquilo melhoraria. [...] (VERA, 2015).

eu tenho certeza que a minha vida tá muito boa, porque pelos anos que a gente tem, por tudo que a gente passou de sacrifício [...] A gente tá sempre na ativa e não fica socada dentro de casa, dormindo, sentada pelos cantos, chorando aí meu Deus! Não tem nada de meu Deus, vai à luta, vai procurar, vai se ativar [...] Eu estou muito feliz, muito contente de estar sendo entrevistada (MARISA, 2015).

Mesmo no transcurso da pandemia da Covid-19, observou-se que as entrevistadas se encontravam em bom estado de saúde, apesar das assimetrias mencionadas neste capítulo. Pelos agenciamentos que tiveram em suas trajetórias, estavam devidamente assistidas, em que pese que essa condição não seja padrão para a população negra como coletividade.

## **MOMENTO ATUAL E PLANOS FUTUROS**

A fase atual, de vivência do envelhecimento, é tratada de maneira natural. Elas não assinalam o momento em que se reconheceram como velhas, e talvez este seja o maior saber: lidar continuamente com a vida, sem rupturas cronológicas configuradas pela sociedade moderna. Estão felizes, realizadas e querem “viver bastante”, como resume Marisa (2015). A velhice é identificada como uma fase de conquistas, alegre, motivadora, um momento de plenitude, como ilustram suas falas:

eu acho que a minha vida, acho não, eu tenho certeza que a minha vida tá muito boa [...] Eu nunca tive o que eu tenho agora! O melhor momento é agora. Eu digo pra Deus, olha não me tira desse mundo, ainda! [gargalhadas] Falta muita coisa ainda! Deixa eu viver bastante! Ainda quero ver muito mais, muito mais coisas quero ver (MARISA, 2015).

Eu acho que, graças a Deus, acho que eu tô bem. [...] Deu pra ir melhorando um pouco as coisas pra gente ter (WILMA, 2015).

A vida pra mim tá boa. [...] Tudo que eu queria tá se realizando. Me considero muito feliz (NORMA, 2015).

Eu me sinto muito bem. Eu me sinto realizada e cada dia que passa eu vou me realizando mais (CARMEN, 2015).

às vezes, o pensamento da gente leva a gente a viajar pra tantos lugares, tanta coisa diferente que tu fica até empolgada. Fica imaginando será que a coisa daquele lado de lá é assim mesmo. Fico com vontade de ir lá. Viver emoções diferentes [risos] [...] Isso aí me encanta (VERA, 2015).

Eu me sinto ótima [...] O presente é fruto do passado [...] Acho que fiz laços muito fortes [...] acho que produzi bem. Então, eu me sinto bem [...] Sou professora emérita da universidade. Continuo com projeto na universidade. Continuo produzindo [...] no mesmo rumo da profissão [...] passei agora seis meses como professora visitante nos Estados Unidos, continuo escrevendo (PETRONILHA, 2015).

Pelas narrativas, observa-se a importância da *ancestralidade* da qual essas mulheres descendem, que possibilitou que elas escapassem de um sentimento de inferioridade, muitas vezes causado pelas condições de precariedade históricas que acompanham a população negra. Como já destacamos há um número limitado de pesquisas com esse recorte etário, de gênero e raça o que nos impede de afirmar se essas melhores condições de vida experimentadas pelas entrevistadas se fazem ou não presentes para outras mulheres negras e velhas, mas Debert (2013) aponta que os velhos têm garantido, por meio de aposentadorias e pensões, direitos sociais dos quais a população de outras faixas etárias estão privadas, em um cenário de subemprego e desemprego, isso os coloca em uma condição mais favorável em relação aos adultos e aos jovens. A seguir, passamos a análise dos discursos referentes aos projetos futuros:

Meus planos para o futuro são muitos [...] Eu sonho voltar a trabalhar [...] E eu sonho em voltar a estudar também. Nem que seja aos 100 anos, mas eu vou! [...] então gostaria até de fazer magistério. Não digo que fosse usar isso aí pro trabalho, mas pelo menos completar o desejo, o sonho, ah eu tô aqui, tô formada: professora! (MARISA, 2015).

sonhar com uma sociedade diferente [...] quando acabou a ditadura [...] a gente chegava a dizer que tocou pra nossa geração esse momento maravilhoso, de retomada, de humanização, de igualdade [...] no sentido de uma construção de um projeto da sociedade que todo o mundo esteja contemplado [...] é uma luta da sociedade, enquanto eu tiver fôlego, temos que brigar e trabalhar nesse sentido. [...] manter os amigos daqui e do outro lado do mundo (PETRONILHA, 2015).

Meus planos por enquanto são assim: eu gosto muito de viajar e espero ir mais longe hoje dos lugares que eu já conheço [...] Quero ver se tenho essa felicidade de participar de mais algumas viagens [...] E não tenho queixa nenhuma da minha vida. Tô muito bem, graças a Deus. Eu me sinto muito bem. Eu me sinto realizada e cada dia que passa eu vou me realizando mais (CARMEN, 2015).

eu vivi e quero viver até os 100. Não quero que Deus me tire antes dos 100. Pagando as minhas contas. Não me faltando comida [...] olhar televisão, ir lá pro [...] shopping, encontro o pessoal, converso bastante (NORMA, 2015).

Dar mais uma aumentadinha na casa e arrumar aqui na frente [...] se der, se não der, tá muito bom assim [...] até que pra mim não tenho projeto. Tendo saúde [...] (WILMA, 2015).

Os relatos acima articulam-se à *formação discursiva* mais recente sobre o processo de envelhecimento, que considera essa fase da vida

propícia para novas conquistas, com a busca de prazer e satisfação pessoal (DEBERT, 1999), e também a teoria do Ciclo de Vida (MOREIRA, 2012), em que cada fase apresenta desafios e conquistas específicos. O paradigma de desenvolvimento ao longo da vida (*Lifespan*) é contemplado no desejo de retomarem os estudos, voltar a trabalhar e viverem outras experiências. As narrativas sobre a velhice referem-se acerca de como a vida melhorou. Elas estão na melhor fase e suas vidas, como resume o discurso de Marisa (2015): “o melhor momento é agora”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As *negras velhas* participantes da pesquisa apresentam um universo de existências racialmente marcadas e assinaladas, também, pelas assimetrias de gênero e classe. São mulheres com educação e rendimentos de classe trabalhadora à classe média, independentes, saudáveis e com muitas histórias para contar, que merecem uma escuta atenta, de modo a desvelar suas verdades, seus saberes e suas potências. Elas constituem-se como inspiração pelos motivos apresentados no desenvolvimento deste texto, mas também pela força de resistir e reexistir, construindo, como ancestrais – em todas as suas lutas, feridas, submissões, conquistas e vitórias –, o mundo no qual elas querem *viver muito mais*<sup>18</sup>.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SANCHEZ, Livia. Os negros na legislação educacional. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 10, n. 2, p. 234-246, 2016.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. Formação discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault. *Revista Aulas*, p. 2-24, 2007.

---

<sup>18</sup> *Agradecimentos*: agradecemos à Professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva pelos comentários e pelas sugestões durante a escrita da primeira versão deste texto.

- BACKES, Gertrud M. Grundlagens soziologischen Lebenslaufforschung. In: Hans-Werner Wahl, Andreas Kruse (Hg.). *Lebensläufe im Wandel*. Stuttgart: Kohlhammer, 2014, p. 39-50.
- BARBOSA, Ana Cláudia; OLIVEIRA, Simone Santos; DE OLIVEIRA, Roberta Gondim. Envelhecer às margens: mulheres negras e os desafios por cuidados em saúde. *Pontos de Interrogação—Revista de Crítica Cultural*, 2024, v. 14, n. 2, p. 31-58.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BELLO, Luciane. *Possibilidades de resiliência no estar-sendo negra*: “é preciso ter coragem pra ter na pele a cor da noite”. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. A mulher negra no mercado de trabalho. *Revista Estudos Feministas*, n. 2/95, v. 3, p. 479-488, 1995.
- BIRMAN, Patrícia. *O que é Umbanda*. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOTELHO, Jurema. Racismo e luta antirracista no Brasil: uma análise necessária para o avanço da estratégia anticapitalista. *Revista Trabalho Necessário*, v. 17, n. 34, p. 171-191, 2019.
- BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 12/agosto/1971. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/15692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15692.htm). Acesso em: 16/julho/2016.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. *Diário Oficial da União*, Brasília, promulgada em 05/outubro/1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 18/março/2016.

- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática «História e Cultura Afro-Brasileira», e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 10/janeiro/2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em: 16/julho/2021.
- BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União*, Brasília, 11/março/2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em: 16/julho/2021.
- BUTLER, Robert N. Age-ism: Another Form of Bigotry. *The Gerontologist*, v. 9, n. 4, p. 243-246, 1969.
- CARONE, Isabel; BENTO, Maria Aparecida. *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CARVALHO, Leonardo Dallacqua; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Continuidades e rupturas na história da eugenia: uma análise a partir das publicações de Renato Kehl no Pós-Segunda Guerra Mundial. *Perspectiva*, v. 35, n. 3, p. 887-910, 2017.
- CANTALINO, Juliana Leal Ribeiro. Satisfação dos usuários em relação aos serviços de Atenção Primária à Saúde no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 2021, v. 55. n. 22.
- CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

- CONECTAS DIREITOS HUMANOS; CENTRO DE PESQUISAS E ESTUDOS DE DIREITO SANITÁRIO - CEPEDISA. Faculdade de Saúde Pública. Universidade de São Paulo - USP. Direitos na pandemia. *Boletim nº 10*, 20/janeiro/2021. Disponível em <https://static.poder360.com.br/2021/01/boletim-direitos-na-pandemia.pdf>. Acesso em: 01/maio/2021.
- ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. Convenção Americana sobre Direitos Humanos (Pacto de São José da Costa Rica), 1969.
- COSTA, Denise Ferreira da. *Mulheres negras 60+*: histórias de vida na velhice. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional), Universidade de Brasília, 2024.
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 1999.
- DEBERT, Guita Grin. *Feminismo e velhice*. Sinais sociais, 2013, v. 8, n. 22, p. 15-38.
- DARDENGO, Cassia Figueiredo Rossi; MAFRA, Simone Caldas Tavares. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação?. *Revista De Ciências Humanas*, v. 18, n. 2, 2019.
- ERIKSON, Erik H. *O ciclo de vida completo*. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- FERREIRA, Maurício dos Santos; TRAVERSINI, Clarice Salet. A análise Foucaultiana do discurso como ferramenta metodológica de pesquisa. *Educação e Realidade*, v. 38, n. 1, p. 207-226, 2013.
- FERREIRA, Olívia Galvão Lucena. Significados atribuídos ao envelhecimento: idoso, velho e idoso ativo. *Psico-USF*, v. 15, n. 3, p. 357-364, 2010.

- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. Volume IV. Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2013.
- GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- GOIZ, Juliana Almeida. Das teorias racialistas ao genocídio da juventude negra no Brasil contemporâneo: algumas reflexões sobre um país nada cordial. *Aedos*, v. 8, n. 19, p. 108-127, 2016.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Ciências Sociais, Hoje*, p. 223-244. 1983.
- GREGOLIN, Maria do Rosario. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. *Comunicação Mídia e Consumo*, v. 4, n. 11, p. 11-25, 2008.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Fundação de apoio à Universidade de São Paulo; Editora 34, 1999.
- HUBERT, Stefan. Manjar dos deuses: as oferendas nas religiões afro-brasileiras. *Primeiros Estudos*, n. 1, p. 81-104, 2011.
- HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. P. 90-113.

- KOHLI, Martin. The institutionalization of the life course: Looking back to look ahead, *Research in Human Development*, v. 4, n. 3-4, p. 253-271, 2007.
- LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- MAIO, Marcos Chor. Raça, doença e saúde pública no Brasil: um debate sobre o pensamento higienista do século XIX. In: MONTEIRO, Simone; SANSONE, Lívio. (Org.). *Etnicidade na América: um debate sobre raça, saúde e direitos reprodutivos*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2004. P. 15-44.
- MARCONI, Isabella Maria Manara; DEDICAÇÃO, Anny Caroline. O idadismo estrutural refletido no período pandêmico e na saúde da pessoa idosa. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, v. 34, n. 2, p. 01-16, 2023.
- MARQUES, Sônia Maria dos Santos. *Pedagogia do estar junto: ética e estéticas no Bairro São Sebastião do Rocío*. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul 2007.
- MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.
- MIR. *Ministério da Igualdade Racial*. Informe MIR - Monitoramento e avaliação, n. 2. Edição Mulheres Negras. Brasília-DF, setembro de 2023.
- MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Mudanças na percepção sobre o processo de envelhecimento: reflexões preliminares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 28, n. 4, p. 451-456, 2012.
- NERI, Anita Liberalesso. O legado de Paul Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. *Temas em Psicologia*, v. 14, n. 1, p. 17-34, 2006.

- OMS. *Organização Mundial da Saúde*. Constituição da Organização Mundial da Saúde, 1946. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAdede/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>. Acesso em: 01/julho/2021.
- ORO, A. P.; BEM, D. F. A discriminação contra as religiões afro-brasileiras: ontem e hoje. *Ciências e Letras*, v. 44, p. 301-318, 2008.
- PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In LINS DE BARROS, Myriam (org). *Velhice ou Terceira Idade?* Rio de Janeiro: ed. FGV, 1998.
- PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo: sincretismo católico e demonização do orixá Exu. *Revista USP*, n. 50, p. 46-65, 2001.
- PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, p. 223-237, 2004.
- PRESTES, Célia R. S.; PAIVA, Vera S. F. Abordagem psicossocial e saúde de mulheres negras: vulnerabilidades, direitos e resiliência. *Saúde e Sociedade*, v. 25, n. 3, p. 673-688, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-129020162901>. Acesso em: 01/maio/2021.
- PRONI, Marcelo; GOMES, Darcilene. Precariedade ocupacional: uma questão de gênero e raça. *Estudos Avançados*, v. 29, n. 85, p. 137-151, 2015.
- ROWE, John Wallis; KAHN, Robert L. *Successful aging*. New York: Pantheon Books, 1998.
- ROZA, Gabriele. Os santos perseguidos. *Pública*, 01/novembro/2017. Disponível em: <https://apublica.org/2017/11/os-santos-perseguidos/>. Acesso em: 02/março/2021.
- SANTOS, Nilsa Maria Conceição. *Negras velhas: um estudo sobre seus saberes nas perspectivas de envelhecimento, trabalho, sexualidade e religiosidade*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016

- SANTOS, Nilsa Maria Conceição. Pensamentos de Negras Velhas sobre Feminismo e Currículo. *Currículo sem fronteiras*, v. 19, p. 497-524, 2019.
- SANTOS, Nilsa Maria Conceição. Da Sanga a Paris: Discursos de Mulheres Negras e Velhas sobre Trabalho. *Trabalho Necessário*, v. 19, p. 240-265, 2021.
- SANTOS, Perla da Silva dos. *Mulheres nanãs: um estudo sobre os saberes constituídos de negras idosas nas comunidades de Porto Alegre*, 2023.
- SANTOS, Vanessa Cruz. Internação e mortalidade hospitalar de idosos por transtornos mentais e comportamentais no Brasil. *Epidemiol. Serv. Saúde*, v. 26, p. 39-49, 2017. Disponível em <https://doi.org/10.5123/S1679-49742017000100005>. Acesso em: 21/julho/2021.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *Retrato em branco e preto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SILVA, Janylle Adriane de Lima; SANTOS, Claudimara Chisté; SILVEIRA, José Elimário Cardozo da. QUE CORPO É ESSE? ESTUDO INTERSECCIONAL SOBRE A CORPOREIDADE DE MULHERES NEGRAS IDOSAS. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 2025, v. 22, n. 66, p. 390-418.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. *Educação*, v. 30, n. 3, p. 489-506, 2007a.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Relações étnico-raciais, racismo e etnocentrismo em pesquisas educacionais. In: PASSOS, Joana C.; DEBUS, Eliane (Org.). *Resistências e Reexistências: desenvolvimento e cultura afro-brasileira na região sul*. Tubarão: Copiart; Florianópolis: Atilênde, 2018. P. 207-241.

- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Diversidade étnico-racial e currículos escolares – dilemas e possibilidades. *Cadernos CEDES*, n. 32, p. 25-34, 1993.
- SILVA, Polliana Teixeira da; CHARIGLIONE, Isabelle Patrícia Freitas Soares. “Acima de tudo, eu me acho bonita”: a estética no envelhecer de mulheres negras. *Revista de Psicologia*, 2024, v. 15, n. 53.
- SILVA, Tainan G. Silva. O colorismo e suas bases históricas discriminatórias. *Direito UNIFACS – Debate Virtual*, Salvador, n. 201, 2017. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/4760>. Acesso em: 15/abril/2021.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. *Revista Mana*, v. 13, n. 1, p. 207-236, 2007b.
- SIQUEIRA, Renata Lopes de; BOTELHO, Maria Izabel Vieira; COELHO, France Maria Gontijo. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 7, n. 4, p. 899-906, 2002.
- SOARES, Bianca de Queiroz; RABELO Doris Firmino; CRUZ, Simone Seixas da. Mulheres na meia idade e velhice: condições de vida e saúde mental por raça/cor no contexto brasileiro. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology* 58, no. 3 (2024): e1999-e1999.
- SOARES, Francisco José Passos. Aporofobia e a ética da corresponsabilidade e da hospitalidade cosmopolita em Adela Cortina. *Revista Brasileira de Bioética*, Maceió, v. 14, n. 10, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbb/article/view/16729/15012>. Acesso em: 24/abril/2021.
- SOUSA, Ester Rodrigues de; SOUSA, Mara Alves de. Violência contra a pessoa idosa negra: questões em debate. *Encontro de Saberes Multidisciplinares*, 2024, v. 2, n. 2, p. e51.

SOUZA, Jessé J. F. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. As ideias eugênicas no Brasil: ciência, raça e projeto nacional no entre- guerras. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, v. 6 n. 11, 2012. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/viewFile/1877/1041>. Acesso em: 20/abril/2021.

VILLELA, Heloisa de Oliveira Santos. O mestre escola e a professora. In: LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. P. 95-134.

WAHL, Hans-Werner; HEYL, Vera. *Gerontologie – Einführung und Geschichte*. Stuttgart: Kohlhammer, 2004.

Texto recebido em 14/01/2025 e aprovado em 15/10/2025